



Sob o título de «São Paulo e a sua evolução» foram reunidas em volume as conferências realizadas no Centro Paulista em 1926. Destacamos dentre elas, por nos interessar mais de perto, a intitulada SÃO PAULO E O CAFÉ, de Menotti del Picchia. Iniciou o conferenciante com uma citação do saudoso Washington Luis:

«Com a lavoura de café a lavoura paulista impoz-se à admiração e ao respeito do mundo, com ela criou-se o bem estar paulista; com ela organizaram-se em nosso Estado os serviços públicos que asseguraram os direitos fundamentais do homem em sociedade; com ela e para ela construíram-se e trafegam estradas de ferro em nosso território; com ela e para ela alinharam-se os quilômetros de cais que fazem de Santos um formidável entreposto marítimo; com ela vive e viverá por largos anos o Estado de São Paulo.»

A seguir rememora uma citação de Alfredo Elias, no Senado da República: «Oitocentos milhões de cafeeiros representam riqueza superior às jazidas auríferas de qualquer parte do mundo.»

Continuando diz o autor de AS MAS. CARAS: —

«A verdadeira história da fortuna paulista — e, como consequência, por ser basilar na Federação, da fortuna brasileira — deve radicar-se no séc. XVII, quando a ilustre e visitada de J. Jonquim Bruno, bispo desta ilustre cidade do Rio de Janeiro, patrocinou o cultivo do cafeiro, propagando-o pelos atuais Estados do Rio, Minas, Espírito Santo e São Paulo. Era o início do maior prodígio agrícola do universo, porque a lavoura paulista é, incontestavelmente, como expressão de unidade de cultura, como ocupação de área cultivada, como utilização do braço rural, como valor de produção, e mais admirável fenômeno agrícola do mundo.»

Assinala a seguir que os bilhões de cafeeiros hoje existentes nas Américas procedem da primeira muda trazida por Gabriel Mathieu de Cleu do Jardim das Plantas de Paris para as Antilhas. Valendo-se de citação de O CAFÉ de Augusto Ramos, lembra a dedicação do ilustre mareante, segundo o próprio relato de Cleu:

«Do que, porém, me lembro bem, é que o trajeto foi longo e que a água nos faltou a tal ponto que durante mais de um mês fui obrigado a dividir a pequena parte que me tocava com aquele pé de café em que depositava toda a minha esperança, tanto carecia êle do socorro por estar extremamente fraco...»

DE RAÇA DE GIGANTES, de Elias Filho, retira o notável escritor êste trecho:

«Como o séc. XVII para o século XVIII transcorreu com a descoberta do ouro das Geraes, etc., fenômeno tão grande de consequências de toda a natureza, assim também o séc. XIX foi iniciado com outro acontecimento que foi sem contestação o credor de toda a nossa vida dos oitocentos anos e do presente séc. XX e, do futuro, quã-

até que geração. Trata-se da importação para o Brasil da cultura do café, que com grande incremento se alastrou pelo vale do Paraíba, penetrante o plano paulista.»

Proseguindo em suas considerações assinala o arguto Menotti del Picchia: «O esplendor cultural de certas zonas paulistas — político, artístico, literário — acompanhou o fastígio aliás transitório e cignano da «onda verde». Porque a cultura do café atravessou o Estado do vale do Paraíba, rumo do «interland», perseguindo a terra boa, devastando florestas, como um divino flagelo. E por isso não se pode estatisticamente dizer que tem havido um notável aumento proporcional no acervo dos nossos cafeeiros: houve mais uma simples deslocação.»

Em 1915, tínhamos 800.000.000 de cafeeiros. Dez anos após, em 1925, acrescentávamos a essa cifra apenas um milhão.

Mas essa passagem foi providencial. Povouo. Educou. Enriqueceu. Civilizou. Hoje o borborinho mais intenso da vida vertiginosa dos paulistas não se dá mais nas suas tradicionais cidades, como Campinas, Itú, Mogy-Mirim, pequenas e efêmeras capitais do interior, mas tempo em que suas glebas eram feracíssimas. Ganhou o croação do sertão, onde ainda ontem o índio se esquiava entre as brejavuas e a onça rondava a picada dos heróicos plantadores de cidades. E mercê do café, num ano apenas, da clareira ontem aberta à foíce e a machado, surge uma urbe criada pela improvisação mágica da energia bandeirante, com bancos agitados, casas comerciais atulhadas de mercadorias. Forde arquejantes nas suas estradas de rodagem, fios de telegrafo, de telefone, de luz elétrica, antenas de radiofonia e — por que não? — «cabareta» com «girls» endiabradas ensaiando nas ribaltas a invasão demoníaca do «ba-ta-clan». Café! Riqueza! Trabalho! Alegria! Civilização!...

Declara ainda que o café possibilitou a policultura, a divisão da propriedade e a fixação do imigrante. Por essas e outros motivos afirmava Julio Brandão Sobrinho, falando, em 1919, no Congresso Econômico Brasileiro: «O Brasil é o café e o café é São Paulo». E o conde Alexandre Ciciliano acrescentaria: «O café é a maior e a mais importante indústria agrícola do mundo.» «Possui, pela sua grande produção, o monopólio de fato de incalculável valor intrínseco e comercial.»

Augusto Ramos tivera oportunidade de asseverar: «Evidencia-se que o problema do café não é um problema paulista, é um problema brasileiro». E assim o encorou o dr. Washington Luis. E assim o expôs o dr. Epitácio Pessoa: «Produzimos 75% do café que se consome no mundo e quando um país possui 75% de um produto indeteriorável ou pelo menos de difícil deterioração, e quando um país produz 75% de um artigo que se disputa nas praças estrangeiras como género de primeira necessidade, êsse país só si não quiser

ou não tiver coragem deixará de ditar leis ao consumo e sobre êle de lançar as bases da sua prosperidade e da sua riqueza. A questão da valorização do café, não é, portanto, uma questão de Estado, é uma questão nacional.»

Após várias valorizações, em cujo mérito deixamos de entrar, cogitouse da criação do Instituto do Café de São Paulo, com o escopo de nortear a nossa política cafeeira. A propósito lembra o autor de Juca Mulato:

«Impunha-se uma organização de caráter permanente, com meios de sistematizar a oferta rítmica, armazens reguladores de um escoamento normal do produto na proporção que surgisse sua procura e, sobretudo, crédito aos produtores para arrmá-los com a indispensável resistência financeira. E, coube ao benemérito governo Carlos de Ampos, espírito de arrojadas iniciativas, e seus brilhantes secretários da Fazenda e da Agricultura, Mário Tavares e Gabriel Ribeiro dos Santos, com a colaboração da gloriosa classe dos lavradores paulistas e Associação Comercial do Santos, realizar êsse monumento que é o Instituto do Café.»

Por iniciativa do presidente de São Paulo, atendendo à solicitação da Lavoura, estudaram os entendidos o plano que o Congresso do Estado discutiu e aprovou em Dezembro de 1924 nos termos da lei 2.004, de 19 dêsse mês e ano.»

Esse imenso patrimônio, hoje sensivelmente valorizado, por razões que não vêm ao caso analisar neste momento, foi retirado à administração da lavoura. Mas não se pode negar, sem quebra da Justiça, que êsse patrimônio pertence à cafeicultura de São Paulo. Justamente levantou em uma de suas reuniões o problema. O Instituto do Café de São Paulo, hoje administrado pela Superintendência dos Serviços do Café, da Secretaria da Fazenda, deve ser entregue aos seus donos: os cafeicultores paulistas.

Para encerrar êste O CAFÉ NOS LIVROS deixemos novamente falar o autor da A Revolução Paulista para nos explicar o que representa o «ouro verde»: — «E' o esforço consciente e tenaz da derubada de probeiras imensas, o trabalho da chama, a insistência da enxada, o sulco da leira, o plantio da muda, o sacrifício da colheita, a construção do terreiro e da tulha, o lombo da tropa, a abertura da picada e da estrada a procura do navio no pórtio de embarque! E' um miraculoso esforço contínuo e consciente. E' paciência e o sacrifício. E' cálculo e o trabalho. E' isso — soma de gasto fisiológico, de equações financeiras, de vontade de raça — a lavoura cafeeira de São Paulo» (enderço para remessa de livros: Caixa Postal 7.187).

ARARUTA GIGANTE

Temos mudas (bulbos) de araruta de primeira qualidade, em quantidades pequenas ou grandes, a entregar nos meses de Maio a Julho.

EXCELENTE FORRAGEM PARA SUINOS E GADO LEITEIRO.

Informações na Granja Quatro Morros, Colonia Sto Antonio, Cx. Postal 82, Barra Mansa, Estado do Rio, ou com Sr. Eugenio, Rua Xavier de Toledo, 210, 7.º andar, sala 72 - Tel. 37-5241 - São Paulo